

Indicadores apontam para cenário otimista

Inflação, inadimplência e juros estão em queda, parou de crescer o desemprego e vendas mostram recuperação

DENISE NEUMANN

A inflação próxima a zero em agosto e setembro chegou acompanhada de uma safra de boas notícias econômicas: a inadimplência do consumidor se manteve em queda, na indústria e no comércio as vendas cresceram de forma moderada, o juro do crediário caiu quase que à metade nos últimos 12 meses, o desemprego parou de crescer, menos falências foram requeridas e o quarto déficit mensal consecutivo na balança comercial foi recebido calmamente pelo mercado.

Há um ano, os resultados eram menos positivos. A inflação de agosto e setembro foi de 2,18% (0,41% no mesmo bimestre deste ano), a inadimplência do consumidor chegou a 14% em novembro (está em 8%), o desemprego crescia e a produção da indústria estava 12% abaixo do mesmo período de 1994.

"Há um quadro muito positivo", diz o economista Carlos Guzzo, do Banco Pontual. "O processo de estabilização está se consolidando, criando raízes", observa o empresário Boris Tabacof, diretor do Departamento de Economia (Decon), da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). "A perspectiva de melhoria da renda agrícola e a isenção do ICMS para as exportações ajudaram a criar um clima mais favorável", observa Juarez Rizzieri, presidente da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).

Para Tabacof, com a estabilidade consolidada é preciso encontrar um jeito de crescer. "A estabilidade é necessária, mas não suficiente para o crescimento", observa. Ele defende a ampliação da poupança interna para sustentar um novo ciclo de investimentos e consequente crescimento. Ele lista três movimentos em busca de mais poupança: empresas poupando mais para investir, cidadãos confiando em novos mecanismos de poupança (como

ações) de mais longo prazo e o governo deixando de ser "despoupar". "A poupança do governo é negativa em 2% a 3% do PIB", diz Tabacof.

Inflação — A baixa variação de preços nos últimos dois meses surpreendeu os analistas porque era esperada alta de alimentos por causa da entressafra. "Os aumentos dos produtos agrícolas foram absorvidos ao longo da cadeia produtiva", observa Mailson da Nobrega, vice-presidente do BMC. A causa, diz, é o mercado mais competitivo, seja por novos concorrentes, seja para manter a participação no mercado.

Para o final de ano, as perspectivas são positivas, sem risco de explosão de demanda, diz Guzzo. Ele lembra que a queda da inadimplência significa que o consumidor entra no último trimestre do ano com melhor capacidade de endividamento. O Pontual criou um índice para medir inadimplência que considera dados do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), volume de cheques devolvidos e outros dados do varejo. O

pico da série foi em novembro, com 14%. Agora, está em 8%.

As vendas a prazo na primeira semana de outubro foram 35% superiores às de igual período de 95, mantendo a média de crescimento observada em setembro. Para o economista Emílio Alfieri, da Associação Comercial de São Paulo, uma semana é insuficiente para estimar o comportamento do mês, mas a expectativa é de vendas maiores do que em setembro.

Ele avalia, contudo, que pode estar ocorrendo um movimento de antecipação de gasto do 13º salário. Na comparação com o final de 95, o consumidor tem outras vantagens: juros menores, embora ainda altos — eram de 10% a 12% ao mês no final de 95 e já há lojas vendendo com taxa mensal de 5,5% — e prazo mais longo — passou de 12 para 24 meses. "O crediário ajuda muito o consumo", avalia Tabacof. Segundo ele, setores industriais que vendem produtos financiados a prazo estão com desempenho melhor do que os demais.

**AGORA PAÍS
PRECISA
CRESER, DIZ
TABACOF**

